



Mães, migrantes e sem trabalho

Desemprego e informalidade são mais altos entre estrangeiras que criam filhos sozinhas no Brasil

ELISA MARTINS
elisa.martins@oglobo.com.br
SÃO PAULO

Já faz mais de três anos que a venezuelana Yenni Golindermo, de 40 anos, mora sozinha com dois filhos em um abrigo em Boa Vista, Roraima, no Norte do país. A caçula, de três anos, nasceu no alojamento. Yenni busca emprego desde que chegou ao Brasil e já perdeu a conta de quantos currículos deixou, de quantas entrevistas fez. O desfecho é sempre o mesmo: muitos “nãos” ou apenas silêncio.

— Nas entrevistas pergunto se tenho filhos e as idades deles. A maioria nem liga de volta. Outros dizem que com filho pequeno é difícil, porque criança fica doente. Se não fosse o abrigo, estaríamos na rua, porque sem trabalho não tenho nem como pagar

aluguel — conta Yenni, que trabalhava com gastronomia e artigos para festas antes de deixar Puerto Ordaz, no estado venezuelano de Bolívar.

O mercado de trabalho já impõe dificuldades a mulheres e mães brasileiras, que dirá a mães sozinhas e imigrantes. Quando a caçula de Yenni completou um mês, o pai disse que iria à Venezuela ver a família. Nunca voltou. Sozinhas com os filhos, muitas mulheres, como Yenni, veem-se obrigadas a prolongar sua estadia em abrigos porque dependem da estrutura para proteção, teto e comida.

— Na maioria, são mulheres refugiadas imigrantes da Venezuela. É um fluxo migratório igualitário em números, de praticamente 50/50 entre homens e mulheres. Mas não é igualitário em

oportunidades — explica Flávia Muniz, especialista da ONU Mulheres em empoderamento econômico de refugiadas e imigrantes.

Pesquisa recente do Acnur (a agência da ONU para os refugiados) com a ONU Mulheres e o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) mostra que as mulheres representam 54% da população venezuelana nos abrigos em Roraima — 91% dos venezuelanos ali têm filhos, mas o desemprego recai mais sobre as mulheres. Entre elas, essa taxa é de 34%; entre os homens, de 28%. E as diferenças se aprofundam no dia a dia.

— Há uma quantidade expressiva de famílias chefiadas por mulheres, que são diretamente responsáveis pelo sustento e as condições de vida dessas pessoas. A questão

é que isso acaba limitando as ferramentas para que o espaço emergencial do abrigo ou o período delas em Roraima sejam algo temporário — conta Leticia Alves Fernandes, assistente sênior de proteção de refugiadas e imigrantes do Acnur.

INFORMALIDADE ALTA

O levantamento revela ainda que as mulheres têm menos oportunidades na interiorização com vaga sinalizada de emprego do que os homens, mesmo com nível educacional maior que o deles. A interiorização é parte da Operação Acolhida, programa coordenado pelo governo federal que faz ponte com municípios, entidades da sociedade civil, empresas ou pessoas interessadas em receber venezuelanos.

— Por terem a responsabi-

lidade e o tempo dedicado às famílias, as mulheres têm menos chances de se inscreverem em vagas de emprego, de buscarem capacitação — diz Leticia.

Não por acaso, diante das portas fechadas do mercado de trabalho formal, o grau de informalidade entre as mulheres (22%) é duas vezes o dos homens (11%).

— Essas situações moldam a experiência de integração socioeconômica das mulheres. Elas têm até mais dificuldade em aprender português do que os homens. Afinal, dentro do abrigo por mais tempo, acabam falando espanhol. Tudo pesa para que tenham uma participação no mercado mais baixa que a dos homens, com taxa de desemprego mais alta e precarização — explica Flávia.

Os dados, afirmam os espe-

cialistas, mostram a necessidade de fortalecer as políticas públicas e dão bases para a criação de projetos específicos de empoderamento econômico para essas mulheres. A integração pelo trabalho é, inclusive, ferramenta contra outras formas de exploração e violência.

— Mulheres e meninas são mais vulneráveis em qualquer conceito de deslocamento forçado. Em outra pesquisa que fizemos, 20% das entrevistadas relataram ter sofrido algum tipo de violência física ou psicológica e até mesmo violência sexual. É mais um fator de desigualdade — destaca Igor Martini, chefe do escritório da UNFPA em Roraima.

A venezuelana Erika Mendoza, de 28 anos, migrou para o Brasil com o marido e cinco filhos. Moravam em um apartamento em Boa Vista, e os vizinhos denunciaram que ela sofria violência doméstica. Há dois meses, Erika se mudou para um abrigo com as crianças.

Este é outro desafio para a inserção das mães migrantes sozinhas: não basta emprego, é necessária uma rede que acolha e dê condições às mulheres.

— Na Venezuela, trabalhei em lojas como vendedora e caixa. Também tenho experiência em cozinha. Mas falta apoio para trabalhar. Sozinha, sem familiar próximo, sair e deixar as crianças é mais complicado — diz Erika.

Recentemente, ela se uniu ao grupo que cuida da alimentação no abrigo. E tem de levar as crianças ao refeitório com ela.

— Meu sonho é conseguir um trabalho, estar mais uns meses aqui até me estabelecer, alugar uma casa e poder ter quem cuide das crianças.

ESPECIAL PUBLICITÁRIO PRODUZIDO POR G. lab GLAB.GLOBO.COM

MORAR BEM

O sonho de comprar um apartamento na planta ganhou um upgrade: a personalização dos espaços. Oferecer plantas flexíveis é uma das novas estratégias das incorporadoras para atender a todos os anseios dos clientes. As restrições limitam-se às chamadas áreas molhadas (banheiro e cozinha), mas, escolhida a localização e a incorporadora, o comprador pode alterar praticamente tudo.

Coordenadora de Projetos da Mozak, Clarissa Grinstein diz que, tirando as exigências técnicas dos projetos, o cliente tem toda a liberdade de trazer o próprio arquiteto para propor alterações na planta. O Areia, empreendimento com 14 unidades entre 236 e 537 metros quadrados no Leblon, é fruto desse trabalho que a incorporadora vem fazendo junto aos clientes para entender que tipo de flexibilidade eles gostariam de ter em seus apartamentos.

— Num mesmo empreendimento, temos casos de famílias que buscam três quartos e de outras que querem uma suíte principal, um escritório e uma sala mais ampla. Quando oferecemos ao cliente a possibilidade de personalizar o imóvel ainda durante a construção, evitamos obras e gastos após a entrega do imóvel — diz Clarissa.

Plantas flexíveis são tendência nos novos empreendimentos

Clientes podem personalizar o futuro imóvel desde que alterações respeitem limitações técnicas dos projetos



Economia. Alterar a planta ainda durante a construção evita gastos após a entrega do imóvel

O Lineu 708, parceria do Opportunity Fundo de Investimento Imobiliário com a Performance Empreendimentos Imobiliários, segue a mesma linha. Os compradores das 13 unidades também contam com a possibilidade

de adaptar a planta, levando em consideração apenas a estrutura do prédio.

— A personalização é uma tendência forte hoje, precisamos conhecer os desejos do comprador para que o apartamento ofereça exatamente o que ele quer

ou precisa — afirma a diretora Comercial da Performance, Carolina Lindner.

A executiva explica que o modelo de plantas flexíveis permite, por exemplo, que um casal sem filhos opte por uma sala maior na entrega do imó-

vel e depois reverta o espaço para ter mais um quarto quando a família aumentar. A cobertura do empreendimento foi vendida nesses moldes. A compradora morava em uma casa de mais de 500 metros quadrados e queria se mudar para o prédio sem perder o conforto da residência anterior.

— Desenhamos a planta a quatro mãos. O escritório se integra à suíte master, que tem dois banheiros para o casal, e a planta terá piscina e bancada gourmet — conta ela.

FLEX 4 YOU

A Gafisa também investe na personalização das plantas por meio do conceito Flex 4 You, que oferece a possibilidade de o cliente modificar os ambientes de acordo com suas necessidades. O sistema funciona, por exemplo, no We Sorocaba, com 25 unidades, variando entre 109 e 133 metros quadrados, em Botafogo.

CEO da Gafisa Rio de Janeiro, Amos Maidantchik explica que o empreendimento foi idealizado originalmente com quatro quartos e lavabo ou banheiro de serviço, que pode ser transformado da maneira que o proprietário quiser: ampliar a sala, fazer um escritório, ter mais ou menos suítes. Para deixar evidente a proposta de planta flexível, o apartamento decorado

“A personalização é uma tendência forte hoje, precisamos conhecer os desejos do comprador para que o apartamento ofereça exatamente o que ele deseja ou precisa”

CAROLINA LINDNER
Diretora da Performance

do estande de vendas foi planejado seguindo o conceito do Flex 4 You.

— O apartamento que originalmente seria de quatro quartos foi transformado em três, com ampliação de sala, copa e closet para a suíte master — explica Maidantchik.

Na JB Andrade Imóveis, a percepção é que plantas flexíveis servem como um ótimo diferencial no mercado. Tanto que a empresa oferece essa possibilidade em todos os residenciais do Jardim Oceânico e vai repetir a dose no prédio que planeja lançar em Botafogo, com apenas dez unidades.

— As plantas flexíveis fazem a diferença porque o projeto estará de acordo com a necessidade do cliente. Isso agrega valor à comercialização do empreendimento — observa o diretor da empresa, João Batista Andrade.